



SALVADOR E SUAS CORES 2017

ARQUITETURAS AFRO-BRASILEIRAS - UM CAMPO EM CONSTRUÇÃO

## **BANDIM - MINDARA A ENCRUZILHADA URBANA DA AFRICANIDADE EM BISSAU- GUINE BISSAU.**

*HENRIQUE CUNHA JUNIOR*

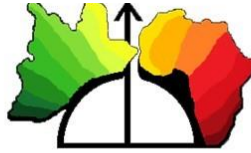
Resumo: O mercado ou os mercados urbanos das cidades africanas são fenômenos geopolíticos em torno dos quais poderíamos escrever a história econômica, política, social, cultural e comercial das sociedades africanas. Sendo assim os mercados constitui o que Diop conceitua como africanidade. Neste sentido o bairro de Mindara e seu mercado de Bandim em Bissau é um caso específico que exemplifica uma diversidade de situações urbanas das cidades africanas. Existem em torno do mercado varias abordagens, a africanidade, marcas da sociedade tradicional e a diversidade, marcas da complexidade do presente, que inclui imigrações de populações africanas e asiáticas, modernização tecnológica, atraso urbanístico, riqueza e pobreza, conflitos e acertos sociais. Produz um caos organizado, no tempo histórico e no espaço geográfico, por critérios endógenos que expressam a sua permanência no tempo e a sua importância comercial. Traduz o caos urbanístico da inexistência de planejamento nos moldes ocidentais e validados pelo conhecimento científico europeu. Uma encruzilhada no sentido geográfica de entreposta entre o porto a cidade e o interior do país. Uma encruzilhada na metáfora das culturas e da percepção dos problemas. O artigo apresenta este quadro diverso para discussão sobre espaço urbano, espaço público e planejamento urbano das cidades africanas no período pós-colonial, focalizando o exemplo do mercado de Bandim, do Bairro de Mindara e da Cidade de Bissau como parte do estado Nacional de Guine Bissau.

Palavras chaves: mercado africano, bairro de Mindara, mercado de Bandim, Urbanização de Bissau, Guine Bissau.

### **1 PENSANDO O URBANISMO AFRICANO E PROPONDO O ARTIGO**

Perante a África – Continente o debate do urbanismo, ou seja, dos processos de criação de cidade, das reformas urbanas, do crescimento urbano desenhado, as questões postas na atualidade são se o continente africano mergulha nos fluxos eurocêntricos americanos do conhecimento, que implicam no desenvolvimento industrial a qualquer custo para solução dos problemas urbanos, ou se podem ser desenvolvidos modos próprios africanos do urbanismo e quais as bases deste pensamento urbanístico. Em meios a estas questões estão presentes as das sustentabilidades e das tecnologias apropriadas, da reedição e atualização dos métodos construtivos, produção de conhecimentos endógenos, a história urbana das cidades africanas e o ensino das disciplinas sobre urbanismo e arquitetura, etc, etc.

No campo político e em particular dos pequenos estado africanos a discussão urbana tem um correlato da discussão política, sobre africanização da África- Continente, ou

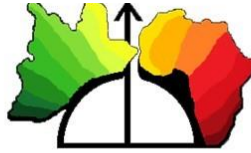


SALVADOR E SUAS CORES 2017

ARQUITETURAS AFRO-BRASILEIRAS - UM CAMPO EM CONSTRUÇÃO

da europeização deste. São debates que nos remete as décadas de 1970 e 1980, períodos das independências, onde as discussões eram sobre o socialismo e o capitalismo. Capitalismo na versão da Nigéria, África do Sul e Quênia, grandes estados, ou na vertente socialismo, com duas opções o socialismo africano, da Tanzânia, Burkina-Faso, ou das revoluções de Moçambique, Eritreia, Angola e Guine Bissau, denominado de científico. No entanto, tanto o capitalismo como o socialismo científico, ambos implicam em rupturas históricas importantes dentro do cotidiano das populações, depende da superação do poder das etnias, dos regulas, das chefaturas tradicionais, muito fortes nas áreas do interior rurais. O que provoca uma onda de contradições da “tribo” X “nação”, do moderno X tradicional. Problemas que põe em causa os modelos de governos do ocidente aplicados à África – Continente (CAHEN, 1994, 1985), (COULON, 1997).

Este artigo é baseado em duas pesquisas realizadas, uma sobre a história do urbanismo africano com enfoque Pan Africanista (2014-2016) e outra em curso sobre as urbanizações das capitais dos pequenos estados africanos, como Cabo Verde, Djibouti, Suazilândia, Lesoto, Ilhas Seychelles, São Tomé e Príncipe, Guine Equatorial e Guine Bissau. O que se pode dizer na pesquisa realizada em Bissau entre 2014 e 2016 (DJONU, 2017), (CUNHA JUNIOR, 2016) é muito pouco sobre a organização, gestão e desenvolvimento urbano que tem sido feito pelo estado e pelas instituições internacionais. O que é feito pelo estado possui hoje a marca do urbanismo chinês / coreano para o continente africano. Troca-se produtos naturais, madeira, água e peixe no caso da Guine por edificações feitas no padrão asiático, de baixa qualidade, e utilizando mão de obra chinesa. Processos construtivos fadados ao fracasso pela inadequação a vida local. O cotidiano evolui pela reedição do poder dos regulas, com a realização de um novo modelo de vila tradicional, agora uma vila que é imaginária nos seus aspectos físicos espaciais. As etnias se reorganizam na base da solidariedade, das cerimônias e festas públicas, mas a população se entrelaça no espaço urbano e toma decisões que permite a sobrevivência e que acomoda as grandes aflições, sem, contudo solucionar de modo efetivos problemas com lixo urbano, esgotos e tratamento de água. Mas organiza o transporte de carga, os



SALVADOR E SUAS CORES 2017

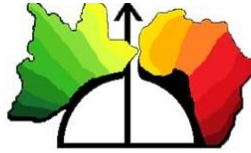
ARQUITETURAS AFRO-BRASILEIRAS - UM CAMPO EM CONSTRUÇÃO

deslocamentos de pessoas e os aprovisionamentos da população dentro dos marcos da informalidade, sempre pondo ordem no caos aparente.

No curso da pesquisa sobre o urbanismo africano criamos um padrão de reflexão, conceitual metodológico (CUNHA JUNIOR, 2016), de que os processos urbanos africanos ao longo de 6000 anos se deram tendo com vetores da Africanidade através da vila tradicional, sua ampliação e os mercados. Retomamos o conceito de Diop (DIOP, 1954) de africanidade, dizendo que a africanidade das cidades africanas é reproduzida pela vila africana e pelos mercados. No caso atual de Bissau, o mercado de Bandim, o grande mercado, com toda informalidade é o grande centro dinâmico da economia, dos empregos e da subsistência da uma grande população. A vila tradicional se reproduz na forma urbana imaginária. No entanto o modelo necessita de maior trabalho de pesquisa para compreendermos se a cidade de Bissau pode ter um planejamento utilizando esta forma urbana ou precisa revelar outros métodos. Sobre a pesquisa em Bissau também fizemos grande distinção conceitual entre os grandes e pequenos estados africanos. Este artigo tem por finalidade apresentar uma introdução histórica a Guine Bissau, a cidade de Bissau e as questões urbanas do bairro do Mindara e do mercado de Bandim.

## **2 GUINE – BISSAU: NOTA INTRODUTÓRIA SOBRE GEOGRAFIA E HISTÓRIA**

Para história do Brasil a Guine Bissau possui uma importância significativa devido à imigração forçada de população africana que parte desta região. Fatos são importantes como o nome do estado do Maranhão ser uma denominação de origem Bijago, uma das etnias importantes do país. Pano da costa falados nos terreiros brasileiro são panos vindos da costa da Guine, ou feitos com padrões e técnicas desta região. Plantas como a guine, arroz, algumas bananas e mangas são originários da Guine Bissau. O arroz de “cucha” feito no Maranhão com vinagreira é feito no Senegal, vizinho a Guine Bissau com mesmo nome e receita e também feito no interior da Guine com outro nome (CUNHA JUNIOR, 2015. notas de pesquisas.



SALVADOR E SUAS CORES 2017

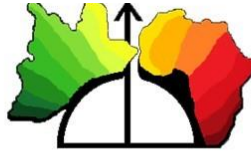
ARQUITETURAS AFRO-BRASILEIRAS - UM CAMPO EM CONSTRUÇÃO

A história da Guiné Bissau é muito interessante, pois embora as invasões dos portugueses comecem em 1440, estas dominam pequenas regiões da costa e não conseguem invasões importantes até 1885, data do tratado de Berlim. Portugal enfrentou durante séculos uma resistência muito grande à colonização portuguesa pelo reino de Cabú. Este reino é desestabilizado pelos povos Fulas em 1867, o que facilitou a tomada pelos portugueses (MONTEIRO, 2013). Depois do tratado os portugueses intensificaram a invasão da região, o que encontrou sucesso apenas em 1925. Depois do tratado de Berlim é lançado um processo de guerra de ocupação conhecido na história como campanhas de pacificação. A denominada colonização da Guiné Bissau ocorre apenas no século 20 e não se conclui, sendo na atualidade apenas 10% da população fala a língua portuguesa. Como pudemos observar quando da pesquisa de campo nestes países mesmo o Wolof e o Francês, línguas do Senegal, são mais compreendidas que o português pela população da Guiné. A população da Guiné Bissau, seguindo a regra para a maioria das nações africanas, é rural, de grande ruralidade nas atividades econômicas e sociais. Apenas 30% da população vive em cidades.

O mapa da figura 1 mostra a localização geográfica da Guiné Bissau e suas fronteiras com o Senegal ao norte, Guiné-Conakry ao sul, e com o oceano Atlântico a oeste.



figura 1 – Localização geográfica da Guiné Bissau



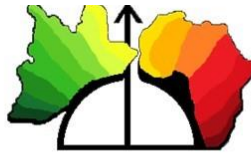
SALVADOR E SUAS CORES 2017  
ARQUITETURAS AFRO-BRASILEIRAS - UM CAMPO EM CONSTRUÇÃO

A Guiné Bissau compreende um pequeno território de 36.125 km<sup>2</sup>, sendo uma parte insular do magnífico Arquipélago dos Bijagós e parte continental 34.500 km<sup>2</sup>. O arquipélago é composto por 80 ilhas ligadas por navegação tropical densa, sendo separada do continente sistemas de canais. Trata-se de uma região de grande potencial pesqueiro e turístico, sendo estas duas características motivos de conflito entre os interesses da etnia Bijago e o Estado Nacional.

A história da Guiné-Bissau é parte da história dos reinos mandingas. Entre os séculos 12 e 16 existiu o poderoso estado do Mali, como capital na cidade de Niani, cuja extensão está representada no mapa da figura 2. A figura 3 apresenta a fotografia de um exemplar de livro do império do Mali. No século 16 o Império do Mali sofre uma desintegração dando origem a número de Estados autônomos no oeste africano. O reino Kaabú se instala na região da Guiné Bissau com a capital na cidade de Kansala. O território da Guiné e dos estados vizinhos ficou sob a jurisdição de um conjunto de famílias reputadas da região e que partilharam o poder e cuja transmissão de todos os poderes fazia-se segundo tradições matrilineares o que permanece em várias etnias da região (LOPES, 1982, p.20). O mapa da figura 4 representa a configuração de estados depois da desintegração do Império do Mali.



figura 2 - Configuração geográfica do império do Mali entre os séculos 12 e 16



SALVADOR E SUAS CORES 2017  
ARQUITETURAS AFRO-BRASILEIRAS - UM CAMPO EM CONSTRUÇÃO

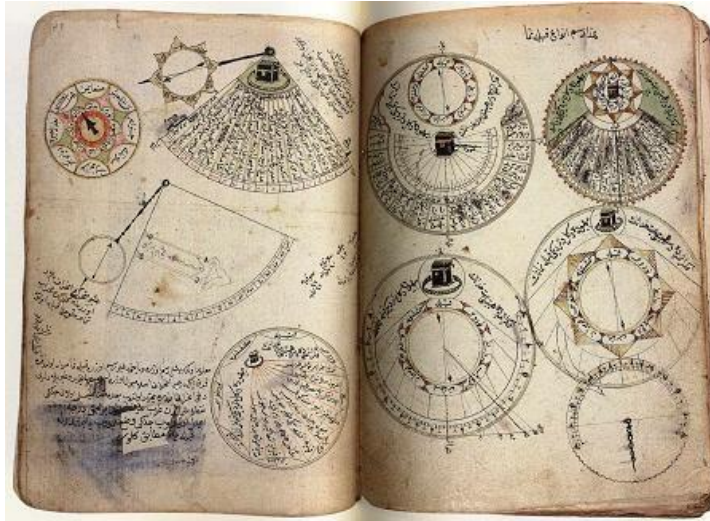


figura 3 – Livros científicos da biblioteca de Timbukto no Império do Mali

Parte da atual Guiné –Bissau forma o reino de Gabú. O reino de Gabú , Kaabu , Ngabou ou N'Gabu, diversas denominações encontradas, era um Estado mandinga e ocupou as terras do que é hoje a Guiné-Bissau e Senegal entre 1537 e 1867.

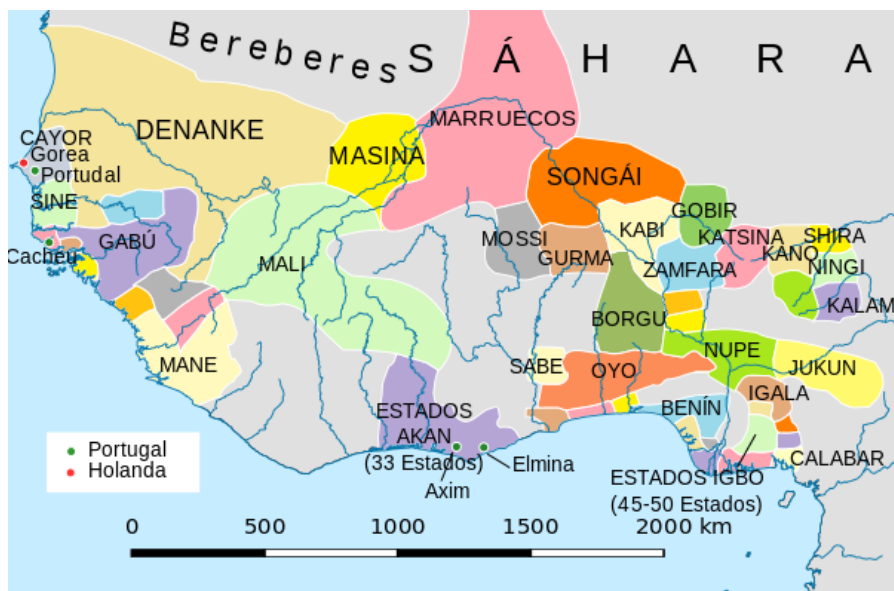
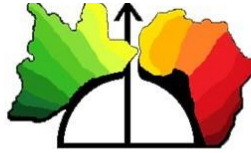


figura 4 – Mapa dos povos da Região Africana Ocidental após o Imperio do Mali. Fonte: Map of West Africa, AD 1625. (Partially based on Atlas of World History (2007) - Early modern Africa, map.).

O estado de Kaabú ou Gabu, foi um reino que surgiu em 1250, ficou incorporado ao Império do Mali, sendo um elemento geopolítico fundamental para entendermos as relações políticas entre povos da Guiné Bissau, Casamansa e Gambia pois as



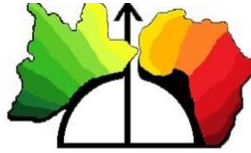
SALVADOR E SUAS CORES 2017

ARQUITETURAS AFRO-BRASILEIRAS - UM CAMPO EM CONSTRUÇÃO

relações políticas destes tempo passado permanecem até hoje e explicam algumas quedas e ascensões de poder nos diversos estados da região. Foi um reino que desenvolveu uma independência com relação os portugueses que edificaram quatro fortalezas no litoral para impor o comercio e sustentar o tráfico de seres humanos para o escravismo criminoso nas Américas. No entanto tendo cooperado com estes e mesmo nos negócios infames.

Os povo mandinga manteve o domínio político do território da Guine Bissau, Casamansa e Gâmbia desde o fim da Idade Média até ao século 19, quando perderam a guerra para os fulas do Futa - Jalon, povos vindo da região que faz fronteira entre o país de Ansumane Mané e a República da Guiné (Conacri). No século 19 o reino de Gabu não resistiu às pressões externas originárias das potências europeias inavasorascolonizadoras (franceses, britânicos e portugueses) e combinadas coma às rivalidades políticas internas do continente africano e que resultaram numa crise política terminando em guerra. As complicações com os Fulas foram de ordem religiosas pois estes se converteram Islã, tendo fatores econômicos de controle do comercio de tecidos, que foi um produto importante para a produção e o comercio da região nos séculos 17 e 18. Na atualidade os panos na Guine Bissau são ainda símbolos de poder e possuem grande importância simbólicos estando presentes em todas as cerimônias sociais. Em 2014, na posse de José Mário Vaz como Presidente da Guiné-Bissau, este caminhou frente a coteja que estendias diversos panos e por fim foi coberto por pano que representava a confiança que o povo depositava em seu governo. Em 1867, na luta contra os países não mulçumanos da região, o reino Futa Tooro atacou o reino de Gabu na guerra de Kansala. O exercito islâmico cercou a capital Kansala por 11 dias, terminando por invadir a cidade e a destruindo com fogo.

Entre 1884 e 1885, como a conferência das potencias europeias em Berlim, se conclui a invasão da África Continente, designando para Portugal a autoridade territorial sobre os estados de Guiné, Cabo Verde, Angola, São Tomé e Príncipe e Moçambique. (LOPES,1982). Quando as fronteiras da Guiné portuguesa foram definidas, em 1886, era necessário ocupar e controlar o território. Para proceder à ocupação da Guine



SALVADOR E SUAS CORES 2017

ARQUITETURAS AFRO-BRASILEIRAS - UM CAMPO EM CONSTRUÇÃO

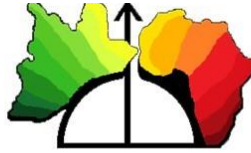
Bissau Portugal desenvolveu fortíssima campanha militar, ironicamente denominada como campanha de pacificação. Os portugueses não conseguiram ocupar certas regiões como o Arquipélago dos Bijagós. Nesta guerra travada com os meios econômicos e militares desproporcionais se distingue Infali Sonco, chefe de etnia Beafada. A ocupação portuguesa se consolida entre 1913 e 1915 através de grandes massacres da população (LOPES, 1978:21). Somente em 1927 é concluída a máquina de exploração na Guiné Bissau pela instalação do grupo português CUF (Companhia União Fabril) com o monopólio do comércio externo da região (LOPES, 1982).

A independência da Guiné Bissau ocorreu em 1974 depois de um período de quase duas décadas de intensa guerra. Com a independência instala-se um governo marxista de partido único de orientação pelo PAIGC - Partido Africano para a Independência da Guiné e Cabo Verde. Em 1980, o governo marxista foi deposto através de um golpe de estado militar conduzido por João Bernardo "Nino" Vieira, que assumiu a liderança do PAIGC e instituiu um regime ditatorial. Em 1998 há novo golpe de estado e o país mergulha em sangrenta guerra civil. Os períodos curtos de democracia se sucedem aos períodos de violências e instabilidades até os dias atuais (COUTO / EMBALÓ, 2010)..

### **3 BISSAU A CAPITAL DA REPUBLICA DE GUINE BISSAU**

Traçar a história da localidade denominada como Bissau é difícil que devido que existem histórias conflitantes. As histórias das etnias guineenses de Bissau, que narram a história com os ajustes dos interesses desta, a história de lusos-africanos, que são africanos urbanos letrados instalados na administração portuguesa e são na maioria provenientes de Cabo Verde e de Portugal, e as histórias dos portugueses, que procuram sempre legitimar as invasões sob o título de colonização. Os significados que os regulas davam ou lugar somente muda depois de 1950 com a intensificação da dominação portuguesa. Tem passado despercebido e pouco tratado pelos pesquisadores o fato que até 1936 os portugueses tinham que pagar uma taxa (daxa) ao régulo de Bissau (COUTO/ EMBALÓ, 2010). O que indica que até





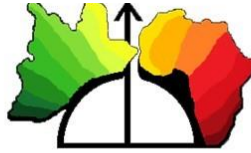
SALVADOR E SUAS CORES 2017

ARQUITETURAS AFRO-BRASILEIRAS - UM CAMPO EM CONSTRUÇÃO

este período a administração do espaço urbano de Bissau, com diversos aglomerados populacionais era Guineense, em acordo como os portugueses, que somavam em torno de 2000 pessoas e viviam numa espécie de vila fortificada. Do século 17 ao início do século 20 a organizações administrativas na Guiné eram as praças, denominação das povoações fortificadas e armadas e os presídios, lugares de pequena população, construções de cadeias em pedra e escassos meios defensivos. Durante quase todo este período histórico predominam apenas duas praças, Cachéu e Bissau. Para termos mais um elemento da complexidade local devemos notar que entre 1920 e 1940, mais da metade dos funcionários públicos portugueses eram originários de Cabo Verde. Uma das causas desta presença de Caboverdianos foi a que as secas em Cabo Verde (1863-1866) provocam uma imigração para a Guiné, para a região ao longo do rio Farim, destinadas à produção da cana de açúcar para o fabrico de aguardente e de açúcar. Essa população caboverdiana, isolada nas plantações afastadas dos centros populacionais vai viver à margem da comunidade europeia instalada na Guiné, no entanto o fracasso da produção por disputas comerciais com os portugueses produz uma segunda imigração para as áreas urbanas de Bissau.

Os espaços urbanos de ocupação se definem com forte resistência dos grupos étnicos costeiros, Papéis e Balantas, a ocupação portuguesa e tendo grande cooperação dos Fulas.

Bissau é consequência de três fases de invenção da cidade. A primeira de contornos determinado pelos regulas da região. Nesta fase o solo urbano é de uso coletivo, existe a vila africana tradicional e dois regulas importantes de Bandim e de Intim. Os regulas distribuem as áreas de ocupação em relação às necessidades de moradias e de atividades profissionais e comerciais. Eles também dão origem aos mercados locais de Bandin e de Intim. No passado a área de Bissau era repartida em domínios territoriais de grupos étnicos e organizado em nove aglomerações urbanas de baixa densidade populacional com os seguintes nomes: Gambeafada, Alto do Crim, Bairro de Santa Luzia, Mindara, Pefiné, Calequir, Reino, Cupelon e Pelon. Em 1962, segundo



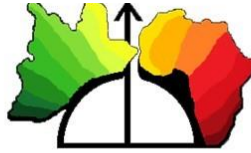
SALVADOR E SUAS CORES 2017

ARQUITETURAS AFRO-BRASILEIRAS - UM CAMPO EM CONSTRUÇÃO

um censo do governo Português de ocupação da Guiné Bissau, nestas áreas moravam a cerca de 9000 pessoas e divididos nas seguintes grupos étnicos: Balantas 803, Beafadas 388, Bijagós 127, Brames ou Mancanha 528, Cassangas 11, Cunantes 34, Felupes 14, Fulas (Futa, Toro, Forro-107, Preto- 223) 282, Jacancas 28, Jalofos 53, Mandingas 993, Manjacos 1.255, Papéis 1.969, Saracolés 91, Sossos 99 e Suruás 11. ( fonte do censo português).

Neste período de 1962 a cidade de Bissau tinha os contornos da maioria das cidades africanas resultantes da invasões europeias, as áreas de população Guineense obedecendo as administração do regulas, denominada pelo governo português com as áreas dos nativos, e as áreas de ocupação europeias, edifícios da administração, casas dos funcionários, áreas militares, hospital, escolas e setor de serviços de comercio europeu (OLIVEIRA, 1962). Em função das pressões das populações africanas pelas liberdades democráticas, sindicalismo e independência política é que o governo português decide por um plano de urbanização e integração das populações guineenses e portuguesas para a cidade de Bissau. Bissau foi considerada um caso particular visto como muito especial de urbanismo do português de ultramar, “onde o problema da sociologia urbana é mais importante do que qualquer realização material isolada”. Foi produzido e implantado um plano urbano deveria resultar na assimilação dos nativos de grupos mais evoluídos, o seja os de fala e costumes portugueses ou casados com portugueses. O projeto urbano para Bissau denominado como “Plano de Urbanização dos Bairros Populares de Bissau” resultou de um estudo técnico dado atenção as características topográficas e climáticas, evitando a execução de grandes despesas com na drenagem e ainda dificuldades no estabelecimento dos elementos da infra-estrutura ou das fundações das construções. A meta do plano de Bissau era a da realojamento progressivo da população e a da criação de áreas organizadas em bairros.

Entre 1962 e 1974 o crescimento de Bissau é acelerado pela intensificação dos negócios comerciais de Portugal e pela guerra de libertação nacional. As áreas portuárias e aeroportuária são bastante ampliadas. As populações egressas das áreas



SALVADOR E SUAS CORES 2017

ARQUITETURAS AFRO-BRASILEIRAS - UM CAMPO EM CONSTRUÇÃO

de conflito migram para a cidade a procura de proteção da paz urbana e os efetivos de tropas militares portuguesas cresce exponencialmente. Existe uma forte expansão urbana de Bissau e a ampliação do bairro de Mindara.

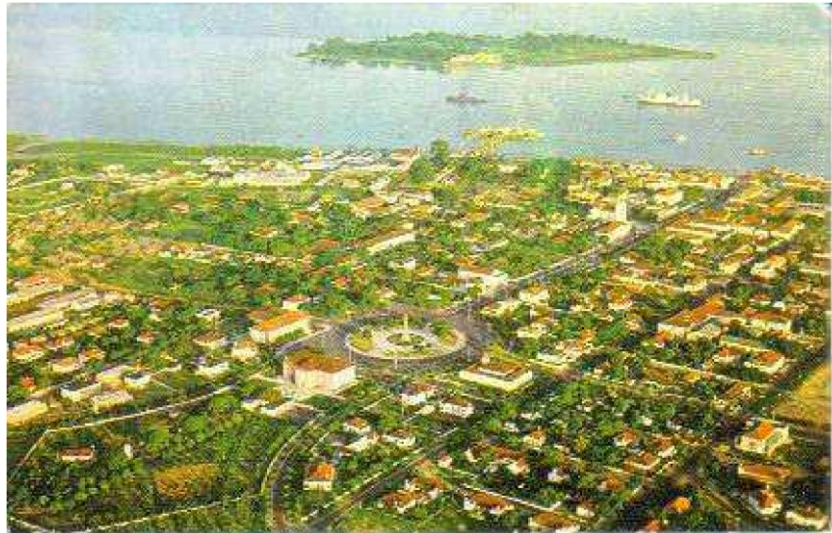
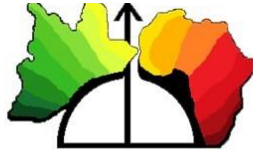


figura 5: Foto da urbanização da área central de Bissau em 1967. Fonte:

Depois de 1974 as mudanças urbanas são consideradas grandes quanto aos edifícios públicos todos construídos com as cooperações internacionais e isolados da cultura e das condições ambientais (SILVA, 2015). A luta política do governo marxista é da redução da importância dos grupos étnicos, e da procura de forjar e formar uma nova nação (PINTO, 2009). Mesmo depois dos governos marxistas o espírito modernizante dos símbolos públicos edificadas segue a mesma regra. As figuras seguintes ilustram estes aspectos. Na figura 6 apresentamos um foto do Bairro de Mindara. Na figura7 vemos o registro dos efeitos da guerra. As marcas são visíveis ainda nos bairros que sofreram bombardeios. as figuras 8 e 9 apresentam os aspectos do moderno urbanismo do estado.



**SALVADOR E SUAS CORES 2017**  
**ARQUITETURAS AFRO-BRASILEIRAS - UM CAMPO EM CONSTRUÇÃO**

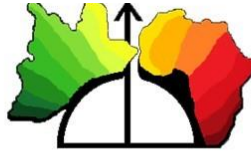


Figura 6: Aspecto de uma das ruas de Mindara.



Figura7: Memória urbana da guerra civil de 1998.





SALVADOR E SUAS CORES 2017  
ARQUITETURAS AFRO-BRASILEIRAS - UM CAMPO EM CONSTRUÇÃO

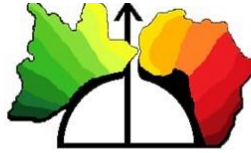
figura 8: Edifício da Assembleia Nacional.



Figura 9: Edifício do Banco Nacional da Guine Bissau. Todo climatizado e com fortes problemas de temperatura ambiente devido a escassez de energia. .

#### **4 MERCADO DE BANDIN E O BAIRRO PEPEL DE MINDARA.**

Mindara é um dos 46 bairros de Bissau, um dos mais populosos, com uma população estimada de 60 mil habitantes. A cerca de 1/10 da população da capital vive e trabalha neste bairro. A população infantil do bairro é alta contabilizada em 20% e apresentando um perfil de alta mortalidade infantil, de 200 a 250/1000 nascidos vivo como nos indica Cutts (1998). Os bairros encontram-se divididos em sete a oito zonas geográficas, para facilitar os estudos, e as suas casas são numeradas facilitando a sua localização e estudos quanto a propriedade e situação de vida dos habitantes. O governo da República de Guiné-Bissau (1998) informa que as habitações na maioria dos bairros são construções tradicionais em terra crua, como modificação de piso de cimento e cobertura em zinco ou capim. Na pesquisa recém-realizada no Bairro de Mindara (DJONÚ, 2017), mostra que as casas de um modo geral abrigam muitas pessoas e possuem muitos animais domésticos como porcos, galinha, gato e cachorros. Tem deficiência de água encanada, esgoto sanitário e coleta de resíduos sólidos. O bairro sofre uma explosão da migração urbana apresenta a alta densidade de população. Trata-se um bairro com grande desemprego formal e com a maior parte dos comerciantes sendo mulheres que sustentam uma grande família de 6 a 10

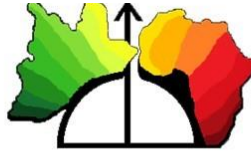


SALVADOR E SUAS CORES 2017

ARQUITETURAS AFRO-BRASILEIRAS - UM CAMPO EM CONSTRUÇÃO

peessoas. Também é um bairro de população das varias etnias, de muitos imigrantes, indianos, árabes e mulçumanos dos países vizinhos.

Pelos depoimentos orais podemos saber que o primeiro povoamento do bairro é da população Pepel, sendo as áreas de urbanização eram determinadas pelo regula, com o solo urbano sendo de propriedade comunitária. Depois da década de 1940 existe a interferência do governo português no Bairro. Apesar de constar em suas origens registros de pequenos povoamentos da etnia Pepel, a colonização portuguesa aproveitou esta localização geográfica e de ligação territorial entre reinos vizinhos, que do ponto de vista dos modelos de povoamento colonial corresponde ao típico padrão de desenvolvimento urbano junto a uma área portuária. A partir do qual se estenderam as infraestruturas de transporte para o interior, como forma de permitir o escoamento de recursos – minerais e agrícolas (DJATA, 2015) e produzir a instalação de efetivos militares. No bairro de Mindará, o regula da étnica Pepel foi quem tinha importância e representatividade para a população. A localidade era denominada como Intim Krim . Sendo de localização é estratégica entre o porto de Bissau e a estrada de acesso ao interior do país. Onde se situava os lugares sagrados de veneração da etnia Pepel, onde ao mesmo tempo se realizavam o comércio dos bens produzidos nas regiões vizinhas. Dizem os depoimentos orais que a localidade respondia apenas os interesses comerciais do regula Pepel até 1940. O comercio era realizado em relação comercial como outros pequenos reinos étnicos da região. Destes fatos que nasce a formação do mercado local. O bairro do Mindara surge deste comercio e da administração do regula Pepel.



SALVADOR E SUAS CORES 2017

ARQUITETURAS AFRO-BRASILEIRAS - UM CAMPO EM CONSTRUÇÃO

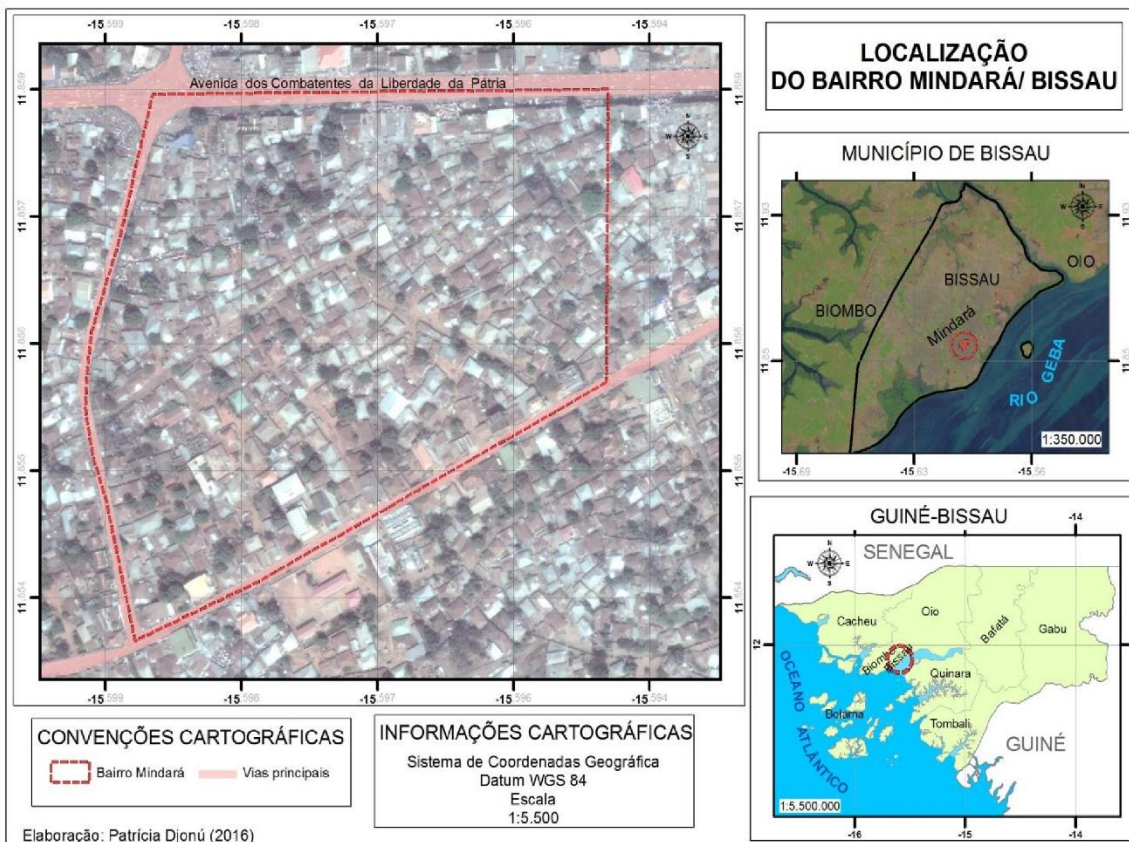
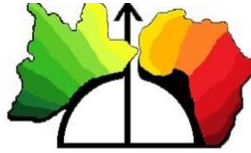


Figura 10: Localização do Bairro de Mindara

Helena Gouveia em um artigo de jornal define o Mercado de Bandim como (GOUVEIA, 2012):

*“Mercado do Bandim (P8) Na Mãe de Água, começa o maior mercado de rua da Guiné-Bissau, o Mercado de Bandim. Este mercado, que remonta a 1960, ocupa lojas e armazéns de um lado e do outro da Avenida e cada centímetro de chão é usado por vendedores de tudo o que se possa imaginar: frutas, legumes, eletrodomésticos, medicamentos, roupas, panaria tradicional, sapatos, drogaria, ferramentas, marroquinaria, carne, peixe, cereais, enfim, o que procura, encontrará com certeza no mercado do Bandim”.*

Podemos afirmar que metade do comércio de produtos de consumo da cidade de Bissau se concentra em no mercado de Bandim, sendo a principal fonte de *emprego* da cidade. O mercado é condenado e criticado pelas autoridades e analistas das diversas áreas do conhecimento por ser fonte de trabalho informal e ser uma de baixos salários e rendimentos da população. Do ponto de vista sanitário e de saúde pública o mercado é fonte de doenças tropicas, particularmente do cólera (COSTA, 2014), (DJONU, 2017), sendo considerado uma área de alta insalubridade ambiental.



SALVADOR E SUAS CORES 2017  
ARQUITETURAS AFRO-BRASILEIRAS - UM CAMPO EM CONSTRUÇÃO

Na década de 1990 a Guiné Bissau passa por um período de ajustes econômicos e entra para o mercado da moeda regional o franco CFA (ALVESSON; ZEJAN, 1991). O ajuste econômico tem grande efeito sobre a população que se torna mais pobre, no mercado de Bandim cresce explosivamente o número de ambulantes e de pequenos negócios informais. Sendo aparece no mercado a figura do comerciante de alto poder aquisitivo provenientes dos países vizinhos, em sua maioria vindos da Guiné Conacri. Existe uma forte desnacionalização do comércio do mercado de Bandim indo para as mãos de estrangeiros (GALLI; FUNK, 1994).

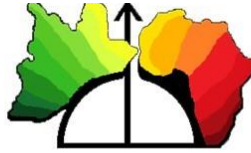
Do ponto de vista *urbanístico* o mercado passa por constantes reformas e desocupações e transferências de comerciantes para outras áreas da cidade (BADUCARAN, 2010). Reformas sempre com grandes tensões entre comerciantes e autoridades municipais e do governo da Guiné Bissau. Todas ações que redundam e fracasso voltando ao quase estado inicial.

As fotografias das figuras 12, 13, 14, e 15 são cenas do mercado de Bandim registradas nos dias 28 de setembro de 2017, pela pesquisadora Patrícia Djonu. Neste dia o mercado apresentava movimento de pessoas reduzido com relação ao habitual em razão do governo ter determinado a mudança de parte dos vendedores. A figura 12 é do marco oficial de onde se localiza o mercado. A figura 13 é da parte interna onde vemos vendedoras islâmicas. Figura 14 um menino vendedor de pão no mercado de Bandim.



Figura 12. Placa municipal indicando a localização do mercado de Bandim.





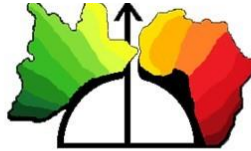
SALVADOR E SUAS CORES 2017  
ARQUITETURAS AFRO-BRASILEIRAS - UM CAMPO EM CONSTRUÇÃO



Figura 13. Cena interna ao mercado de Bandim.



Figura 14. Vendedor pequeno comerciante do mercado de Bandim.



SALVADOR E SUAS CORES 2017

ARQUITETURAS AFRO-BRASILEIRAS - UM CAMPO EM CONSTRUÇÃO

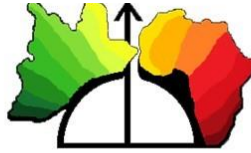


Figura 15: Mulher no mercado de Bandim

## 5 FIM DE FEIRA DE BANDIM SEM FIM DAS DISCUSSÕES CONCEITUAIS

O denominado mercado de Bandim, em parte se constitui como mercado, dentro de construções em parte como feira através das calçadas e dos espaços livres em torno do mercado. A rua virou mercado.

A feira de Bandim, o mercado de Bandim apresenta diversos problemas na atualidade para as populações e para as autoridades locais, para racionalidade do estado da Guine Bissau e sofre de diversas incursões do estado no sentido de normaliza-la organiza-la. Em todos os documentos oficiais o mercado se inscreve na informal, nas formas de economia informal, do trabalho informal e da urbanização informal. Os meios do desenvolvimento e da solução urbana estão na relação do visto como formal como informal. O problema para o estado é da produção de empregos formais, da formalização dos negócios e da legalização urbana para recolhimento de impostos. Os problemas são discutidos como os da ruralidade e da urbanidade, como a oposição entre o tradicional e o moderno, entre a africanidade e europeização.



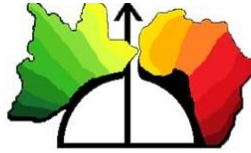
SALVADOR E SUAS CORES 2017  
ARQUITETURAS AFRO-BRASILEIRAS - UM CAMPO EM CONSTRUÇÃO

A feira se configura por outro lado como uma síntese da história especial do lugar. Da etnia Pepel de origem da relação dela com as demais e com o estado atual. São populações Guineenses seculares se reorganizando e de certa forma se contrapondo a forma do estado de pensar a organização especial e populacional. Sempre é esquecida a história nos atos administrativos recentes.

Observamos que a variedade de produtos apresentados na feira mostra diversas escalas de integração, local, regional e internacional. Comerciantes de todas as nacionalidades e de todos os poderes aquisitivos, das mais diversas mercadorias estão presentes na feira e se organizam sem grandes conflitos para produção da vida de uma parcela significativa da população. Quase a metade a economia de consumo da cidade de Bissau se articula na formação da feira. Dentro da informalidade existe um grande dinamismo econômico. As tentativas de mudanças do Mercado de Bandim pelos dos órgãos municipais e do governo central sofrem forte rejeição, alteram a organização dada por conceitos da população sobre o espaço econômico mercantil urbano da feira em relação aos conceitos de urbanistas e economistas formados nas universidades modernas. As mudanças não resolvem os problemas e depois de um tempo a forma urbana precedente é retomada. .

Durante as pesquisas concluímos que as mulheres do mercado conhecem a estrutura do local, o mercado como um todo e sabem de tudo, dizem onde encontramos tudo, retém informações que o estado não tem. Os novos comerciantes ricos da feira são todos homens e estrangeiros. Outras explicações que não apenas do informal deveríamos estar articulando para compreender o mercado de Bandim e a sua organização.

No entanto uma conclusão é possível e óbvia, a feira organiza o espaço urbano do bairro e o territorial, ela é peça fundamental para entendimento das relações sociais especializadas da localidade. No nosso entender também a realidade do Mercado de Bandim se configura segundo o nosso modelo de a urbanização das sociedades



SALVADOR E SUAS CORES 2017

ARQUITETURAS AFRO-BRASILEIRAS - UM CAMPO EM CONSTRUÇÃO

africanas, ou seja, pode ser explicada a partir da vila africana de gênese e das relações empreendidas nos mercados.

A intervenção do estado procurando urbanizar nos moldes da organização dos métodos urbanos, da lógica dos retângulos delimitados e do espaço legalizado está produzindo a dissolução deste mercado. O enfoque urbanístico dos modelos europeus formais entra em constante choque com o informal, as briga de poderes e de concepções, tem o respaldo das teorias urbanas para produção das mudanças e das interferências do estado. Existe e persiste a necessidade de modelos urbanos africanos para propor soluções africanas a estes conflitos.

## 6 REFERENCIAS BIBILOGRAFICAS

ACIOLY, Claudio, C. (1993). Planejamento urbano, habitação e autoconstrução: experiências com urbanização de bairros na Guiné-Bissau. Delft, TUD, 189 p.

AGUIAR, R., MONTEIRO, H., DUARTE, A. (coord.) (2001). Bandim: subsídio para uma política de apoio ao pequeno negócio. Bissau, INEP, 136 p.

AUGEL, Moema Parente. (2007). O desafio do escombro: nação, identidades e póscolonialismo na literatura. Rio de Janeiro: Editora Garamond Ltda. 2007. PP 51-55.

ALVESSON, Magnus e ZEJAN, Mario, "Guiné-Bissau: o impacto do Programa de Ajustamento Estrutural sobre o bem estar dos pequenos proprietários rurais". SorondaRevista de Estudos Guineenses. N.11, Bissau, Janeiro 1991, pp.81-104 .

BADUCARAN, Domingos Augusto da Silva.(2010). Urbanização na Guiné-Bissau: Morfologia e Estrutura Urbana da sua Capital. Lisboa. Tese de doutoramento.

Faculdade de Arquitectura. Universidade Lusófona de Humanidades e Tecnologias.

[http://www.urbanismo-portugal.net/files/upload/Dissertacoes/baducaran\\_silva.pdf](http://www.urbanismo-portugal.net/files/upload/Dissertacoes/baducaran_silva.pdf)

BWOCK, Mahyona Fernandes. (2016). Crise política na Guiné-Bissau (1998 -2012). TCC de Ciência Política.Instituto de Ciência Política da Universidade de Brasília. 2016.

CAHEN, Michel, "État et pouvoir populaire au Mozambique", Politique Africaine. (Paris, Karthala), 19, 1985, pp. 36-60.

COSTA, Simões da (2014).- Saúde em risco no contexto da insalubridade ambiental, caso da cólera no mercado de Bandim (Bissáu) Guiné-Bissau. Lisboa: ISCTE-IUL, 2014. Dissertação de mestrado.Disponível: [www:<http://hdl.handle.net/10071/9171](http://hdl.handle.net/10071/9171).

COUTO, Hildo Honório do; EMBALÓ, Filomena. (2010). Literatura, língua e cultura na



SALVADOR E SUAS CORES 2017

ARQUITETURAS AFRO-BRASILEIRAS - UM CAMPO EM CONSTRUÇÃO

Guiné-Bissau: Um país da CPLP. PAPIA: Revista Brasileira de Estudos Crioulos e Similares Número 20, 2010. Brasília: Thesaurus Editora. 2010. ISSN 0103-9415.

COULON, Christian, "Les dynamiques de l'ethnicité en Afrique noire", Pierre BIRNBAUM (dir.), Sociologie des nationalismes, Paris, PUF, coll. "Sociologies", 1997, pp. 109-119.

CUNHA JUNIOR, Henrique. (2015). Africanidade e Afrodescendencia. Notas de aula da disciplina de pós-graduação. Fortaleza-CE. 2015.

CUNHA JUNIOR, Henrique. (2016). Urbanismo africano: conceitos. Nota interna. Universidade Federal do Ceara. 2016.

DIOP, Cheikh Anta (1954). Nations nègres et Culture Diop. Paris: Presence Africaine.

EMBALÓ, Filomena, "Os desafios do Programa de Ajustamento Estrutural". Soronda Revista de Estudos Guineenses. N.16, Bissau, Julho 1993, pp.51-72 .

GALLI, Rosemary e FUNK, Ursula. "O ajustamento estrutural e género na Guiné-Bissau". Revista Internacional de Estudos Africanos. N.16-17, Bissau, 1994, pp.235-254

LOPES, Carlos. (1999). Kaabunké Espaço, território e poder na Guiné-Bissau, Gâmbia e Casamance pré-coloniais. Lisboa: Editor: Comissão Nacional para as Comemorações dos Descobrimentos Portugueses.

MAHIEU, François-Régis. (1989). Principes économiques et sociétés africaines. In: Tiers-Monde, tome 30, n°120, 1989. pp. 725-753.

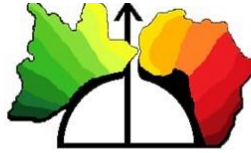
MENDY, F. (2006). La Ville de Bissau: Aménagement et Gestion Urbaine. Université Cheikh Anta Diop de Dakar, Faculté des Lettres et Sciences Humaines, Département de Géographie, Thèse de Doctorat. 322 p.

MILANDO, João. 2005. Cooperação sem Desenvolvimento. 1ª ed. Lisboa: Imprensa de Ciências Sociais. p 149.

MONTEIRO, Artemisa Odila Candé. (2013). Guiné-Bissau: da luta armada à construção do estado nacional - conexões entre o discurso de unidade nacional e diversidade étnica (1959-1994). Salvador: Doutorado em Ciências Sociais. UFBA.

OLIVEIRA, Mario (1962). Urbanismo do Ultramar. Lisboa: publicação da Agência Geral do Ultramar, Lisboa 1962.

PINTO, Paula. (2009). Tradição e modernidade na Guiné-Bissau: uma perspectiva interpretativa do subdesenvolvimento. Dissertação Mestrado. Centro de Estudos



SALVADOR E SUAS CORES 2017  
ARQUITETURAS AFRO-BRASILEIRAS - UM CAMPO EM CONSTRUÇÃO

Africanos. Faculdade de Letras. Universidade do Porto.2009.

SANTOS, Fernandes (2001). Bandim: subsídios para uma política de apoio ao pequeno negócio. Lala Kema. INEP. Bissau, 2001.

SILVA, Carlos Nunes. (2015). Urban Planning in Lusophone African Countries. New York. Routledge.